

«Iracema» sem chronica; isto é; sem narrar um acontecimento pouco vulgar. Trata-se de um attentado de lesa-litteratura; unifiquemo-nos, pois, para desaffronta da poesia patricia: «forão recolhidos ao Posto Policial F., F. e o poeta Antonio Gomes da Silva, por insulto.» Notas da policia— «Diario do Ceará», de 14 de Agosto de 1895).

Não tenho a honra de conhecer o Sr. Gomes da Silva, que a esta hora deve estar se vendo em apuro, no circulo de ferro do soneto policial.

E que sorte de insulto praticou o illustre irmão de Tasso? Será nephelibata, romeiro, *thebaico*? E porque o «Diario» não invocou a solidariedade artistica do Alves de Farias?

Pobre Gomes da Silva, foste menos feliz que certos foliões, collegas teus, que por ahí andão impunemente, sonhando um eterno S. João no mundo da poesia, e a empunharem em vez de lyra a classica roqueira.

C.

PAE

*Veneranda memoria, ó criatura
santa, luz que te foste na enluctada
noite da vida, noite amargurada
que me encheu de terror e de tortura,*

*abre-me o seio de tua sepultura,
quero beijar-te a fronte immaculada,
saciar esta sede insaciada,
que tenho de beijar-te a fronte pura.*

*Ai, si eu pudesse, como Christo outr'ora
co'a luz do amor e com a dor do pranto
tornar-te a morte uma-nova aurora,*

*O meu amor se transformara em canto,
e minha dôr, chorando, como agora
dar-te-hia a morte desta vida, santo!*

PEDRO MONIZ.

O enforcado da Itaitinga

A ALVARO MARTINS.

Osola pino dardeja raios quentes, tremulos, sobre a terra; estalidos de arvores seccas quebram o silencio monastico da floresta... vaga quietação na abobada rendilhada, mansa, do arvoredado...

Fibras do sol, lucidas, ferem-lhe o chão.

Na sombria silenciosidade da matta ha como uma paz *falsa* indefinida.

Na encosta da montanha ha ruido tenue de passos recatados.

Sobe um homem.

Esfarrapado, de andar vacillante tem no rosto pallido essa seriedade inquieta dos assassinos foragidos.

Entra.

Palco silencioso recebe-o inspidamente.

Imobilisa-se e, grave como o pensamento que lhe fervilha no cerebro, olha a cupula tranquilla e compacta do arvoredado.

Nos olhos vitrios ha symptomas de loucura, nos gestos, loucos—symptomas de desespero.

Da cintura, desata uma corda forte de *tucum*, que occultara no momento de deixar os filhos que elle amava tanto com sua alma crente e de camponez rude.

Subito salta a um galho, que estremece e, amarra a corda, guilhotina fatal para seu *coração* de pae, e n'um impeto suspende-se nos braços fortes, enlaça o pescoço; mais rapido que o pensamento foge ao laço; e lembra-se do filho no berço; desanima, os musculos rigidos dilatam-se; desprende-se e cahe horrorizado ante a hediondez do crime.

Mas forte que a imagem candida do filho, é a esposa adúltera, e, como satanaz tentando Christo, a imagem d'ella veio-lhe ao pensamento.

Reanima-se e mudo olha o laço, e como se n'elle visse a unica salvação para sua honra *maculada*, ri-se... com esse riso frio de alienado.

Resoluto torna ao galho e rapido cahe, no laço que o estrangula; seu corpo contorce-se no espaço em horrivel estremeimento de enforcado.

Seu rosto de um ton arroxeadado, deformisa-se; sahe-lhe da bocca a lingua enorme, rubra... rubra; os olhos esbugalham-se como se fossem saltar. os braços esticam-se e os dedos crispados procuram em balde a corda.

Um gemido magoado de moribundo, morre na cupula do arvoredado, e, somente o cadaver oscilla no espaço.

São duas horas; a passarada coniinúa seu concerto de notas em algazarra, e a coruja, a ave nocturna, illudida pelo crepusculo da floresta, solta, seu pio agourento e triste...

São passados annos: a adúltera ainda vive: os filhos tiveram o perdão para a mãe criminosa, mas o perdão dos filhos é um triste lenitivo para sua alma despedaçada.

Sempre ao meio dia, suarenta, subindo a encosta da montanha, vae orar a sombra da arvore fatal.

Na Itaitinga chamam-n'a a «viuva do enforcado».

SOARES BULCÃO.

O coração

O nosso companheiro Rodrigues de Carvalho trabalha presentemente no 2º. tomo de seu poemeto— «O Coração,» que o publico já conhece.

Pretende refundil-o, dando nova forma ao 1º volume; bem assim desenvolver a concepção delineada.

Damos hoje um pequeno excerpto da introdução da 2ª. parte do poema: e para orientar o leitor, accrescentamos que, no dominio de sua phantazia, o poeta transporta-se a um cemiterio, e lá começa por invocação a um cypreste.

Eis o ligeiro fragmento:

CYPRESTE

*Noute! sombra! pavor! pavor de noute fria!
Frio de solidão! ai solidão soturna
Acolhe-me em teu seio! (Uma coruja pia...
Seja a surdina a guiar-me uma ave nocturna).*

O vento gela e passa e canta... e gela... e chora...
 Retalha a podridão de um corpo inanimado,
 Mas quando a noite foge á excommunição d'aurora,
 Elle volta subtil; mais leve e perfumado.
 A lua pelo azul, como um esquisse branco
 De noiva que morreu de pejo e de vergonha,
 Em cada penedia ou sombra de baranco
 Vai chorando o luar. E chora... e seisma... e sonha!

Nós paramos azues... n'aquella paz serena.
 Que o luar vertea... no friarvito brilho.
 Ha póvilho de luz, o limpido castilho
 De um anjo que voou vestido de assuena...
 Ha fios de neblina esparsos pelo vento,
 —O vento que se faz de laminada goiva,
 E corta a podridão—Ai flocos do relento,
 Vos sois desfeito alli o céu d'alguma noiva!...

Cypreste! sym'bo do nada,
 Cypreste! genio da sombra;
 Tu que tens a frente ornada
 Dos pyrillampos d'alfombra...
 Tu que dás funda guarida
 Aos mil arcanos da sorte,
 Que nés o abysmo da vida
 Findar no abysmo da morte...
 Conta-me o duplo mysterio,
 O duplo mysterio triste,
 (Pois, se acaso o céu existe,
 E' tambem um cemiterio)
 Onde existe a vida? Onde
 A morte existe? Responde!

RODRIGUES DE CARVALHO.

Poetas novos

I. XAVIER DE CARVALHO

FRUCTOS SELVAGENS—MARANHÃO—1894

(Continuaçã) do n.º 1)

Para mim uma das qualidades apreciaveis de Xavier de Carvalho, como poeta, é esse desprendimento de preconceitos escolares, é essa liberdade, ou melhor independencia de sentimentos e de concepções com que elle segue, existencia a fóra, lyra em punho, cantando, na primavera dos sonhos, a mocidade e o amor.

Essa afoiteza que se observa em todos os seus poemas, não obstante ser aqui exaltada como um grande merito, devia ser uma das características da poesia, si não fóra a nevrose que se assedêra hoje de todos, exaltando os temperamentos em tendencias todo exclusivistas.

O poeta, já o dizia Lamar ine, causa da mesma maneira; isto é, com a mesma naturalidade com que o regatô corre e a aragem suspira.

E tanto isso é verdade que os nossos melhores poetas, quando lhes falta a naturalidade, trabalham fortemente por suppril-a com a imitação.

Entre outros, Alvaro Martins, que, tem o fetichismo da forma rutila, constante, a que hoje chamamos parnaseanismo e a que outr'ora chamava-se simplesmente onomatopéa, perde muitas vezes essa qualidade rimada dos poetas.

E' por isso que João de Deus é hoje considerado como o melhor poeta portuguez da actualidade.

E não se diga que essa qualidade seja proprio do lyrismo, pois João de Deus é por causa d'elas comparado a Castilho que era um lyrico e a Camôla que era um épico.

Mas, não é essa a unica virtude de Xavier de Carvalho. Possui elle ainda, em alto grão, a correcção metrica que é uma exigencia da arte para auxiliar a espontaneidade da natureza.

Lêde qualquer das composições dos *Fructos Selvagens* e vereis comprovado meu asserto

Pode-se, portanto, considerar a estrêa do poeta maranhense, senão como um triumpho, ao menos como uma das bellas conquistas modernas da verdadeira poesia, como a entendo—linguagem sonora do coração exthasiado, tão livre, tão espontanea como elle na commoção plena do amor: pelas coisas terrenas.

Si a vida—esse campo de combate em que a grandeza dos triumphos é avaliada pela grandeza dos destroços, em que as alegrias afferem-se pelas dores, é o patrimonio necessario e fatal de todo vivente aguilhoado pela fraqueza ao dominio absoluto do destino,—porque não havemos de envolver tudo isso com o manto pacificante do nosso amor quer chame-se-lhe entusiasmo quando accordado pelo estrepito de fanfarras, quer chame-se-lhe piedade quando agitado por baladas plangentes do infortunio!

Disse alguém que o mundo pertence aos homens de coração. Porque? Porque viver é, em summa, juntar à acção, ao movimento o calor que fal-o perdurar na lucta quotidiana. E d'onde vem esse calor providencial senão do coração que é a fonte do sentimento?

Viver, é portanto, amar,—amar a lucta, o esforço, o soffrimento com que nos despediamos do crepusculo dolente de hoje para saudarmos a aurora rutilante d'amanhã.

E eu bendigo dos poetas e estimo-os sinceramente porque todo poeta é sempre um homem de coração.

Guaramiranga, 24 de Julho 1895.

ALVES LIMA.

Saudoso

A ANNIBAL THEOPHILO

« A estrella é nossa irmã no sentimento:
 Ri nosso riso e chora nosso pranto. »

Triste e cheio de amor olhava á Altura
 Onde são de ouro o pranto e as alegrias:
 Gottas de luz que a Noite em vão procura
 Cobrir com a treva das roupagens frias.

E sob o agir da Dulcida—Amargura,
 O tempo eu recordava em que sorrias
 E o teu sorriso minha vida escura
 Povoava de estrellas erradias

Que, si brilharam como as nebulosas,
 Como os sorrisos se extinguiram breve;
 E esta lembrança inda minh'alma junca

De nuvens densas cór de sangue e rosas
 Pois que d'ausencia na amplidão de neve
 Scintilla o amor que não resfria nunca.

J. LOPES RIBEIRO.

Noite tormentosa

(PARAPHRAZE)

*Era noite. Furiosa a ventania
Lamuriava pelo corredor
Enchendo as almas fortes de ironia
Enchendo as almas crentes de terror.*

*E no entanto, na flórida varanda
Minha Dulce dormia a minha diva
FACES nubladas de tristeza branda
Lábios vermelhos de uma côr tão viva.*

*Os cães uivavam nas desertas ruas....
Eu velava e velava torturado
Triste, voando pelo meu passado
Triste, pensando nas perfidias suas.*

*Subito, ergui-me e aproveitando o forte
Somno em que a via toda emmergullhada
Como si o braço gélido da morte
Houvesse-a já tornado inanimada,*

*Colhi subtil de seu eburneo seio,
Seu coração, seu coração perjuro,
Que trouxe ao meu a duvida e o receio
Que ennodou o azul do meu futuro.*

*E fui guardal-o n'uma porcellana
Fragilima, bordada de arabescos
Rodeando uma lubrica sultana
Rodeada de chins carnavalescos.*

*De sua fronte encantadora e clara
Arrebatei seu doido pensamento
Por quem senti que est'alma se curvara
Por quem passei as noites ao relento.*

*Dzitei-o n'uma taça japonesa
Floreada de muitas violetas
Clara como um espelho de Veneza
Leve como o voar das borboletas.*

*Por ultimo dos labios seus divinos
E de seus braços brancos como os lyrics
Lábios para minh'alma tão ferinos
Braços amada cruz dos meus martyrios;*

*Arrebatei as fallas mentirozas
Todos os beijos, todos as carinhos
Carinhos cheios do sorrir das rozas
Como as rozas tambem guardando espinhos.*

*E guardei-os n'um cofre cinzelado
Por um artista célebre do Oriente
De saphyras custozas cravejado,
De uma delicadeza surprehendente.*

*Olhei-a, ella dormia inda impassivel
Como uma freira dentro de uma cella.
Abri, então, sarcástico,, terrivel,
De par em em par as bandas da janella.*

*A ventania penetrou furioza
Partindo com barulho atroador
A porcellana, a taça preciosa
E o cofre de finissimo lavor.*

*Eu, como um louco, jubiloso, ria,
Por não vêr mais a minha estrada escura
Porque levava tudo, a ventania,
Que lhe servira para ser perjura*

*Noite profunda. Ainda a ventania
Lamuriava nas desertas ruas
Inda eu velava enquanto ella dormia
Quazi esquecido das perfidias suas.*

*Emfim, seus olhos se entreabriram vagos,
Seus olhos, ai d: mim, que de alegria
Tinha esquecido seus crueis affagos,
Esquecera de os dar a ventania*

*Fitaram-me suaves, doces, puros
Como os olhos ingenuos das creanças
E dentro d'elles, apesar de escuros,
Vi que sorriam minhas esperanças*

*Então, senti a alma arrebatada
E fui allucinado pelas ruas
Pedindo á noite e á gélida rajada
Os meus tormentos, as perfidias suas.*

(Dos «Contos à Nini»).

ANNIBAL THEOPHILO.

A Clovis Bevilaqua

PHANTASIA

Uma manhã no sertão

O Céu, como em todas as manhãs, artisticamente burilado de um véo plumbeo, da serenidade das coisas mysteriosamente humildas, de um véo plumbeo, mesclado de umas nuvens em tons carregados, de côres esquisitas, que fogem amendrotadas da suprema belleza boreal.

Manhã que Deus talhou para a divina fada, a mais gentil acariciadôra dos prados, das fronteiras, e das flôres, fallar-lhes, affagal-as divinamente, num intimo amplexo de quem ama; fallar-lhes, conhecer-lhes todos os segrêdos, toda sua vida, numa harmonia filha do Céu, feita de palavras doces, como o doce e divino amplexo, que une-as como irmãs que são.

Sobre a copa da original czinha sertaneja, coberta de palhas de carnaúba, desferindo um canto, levemente doce, o canarito amarello, doce cantar feito de notas leves como a viração, que passa entre a sua plumagem macia, ruflando-lhe as pennas, doce viração que leva para longe aquella musica divinamente executada do pequenino artista, que não aprendêra a cantar!

Em frente uma velha mariseira, de cuja copa soam vivos trinados do cardial, que desperta a rolí-nha que geme quando canta, e em cuja sombra descansam um alvo bando de ovelhinhas mansas....

das ovelhinhas mansas submissas que morrem para a vida do camponio. De lá do fim do pateo verde—escuro, mugem a *grainna*, a *pretinha*, a *combuca* que aproximam-se do curral para ver os filhinhos, que á noite passaram presos. E serenamente aproximam-se, com a resignação de mães virtuosas ellas—as pobres vaquinhas, que não esquecem os filhos; que preferem entregar ao camponio o seu sustentaculo, a deixar de vel-os, de passar-lhes a lingua sobre o dorso, já que não podem beijal-os, nem acaricial-os como a gente!

E de cima da porteira do curral, o joven camponez, *bóando*, deixa escapar do forte peito notas fortes... numa toada rustica... que se perde no campo...

No alpendre da casinha uma rêde, onde o velho camponio saboriando o seu apprazivel cachimbo, attentamente pensa no que ha de fazer durante o dia.

Do centro da matta de floridos mofumbeiros solta a *aracauan* estalos agoirentos, estalos feios que affligem ao camponez, que a vendo cantar descrê do inverno; e das mais altas arvores que se destacam na matta o canto forte e bellicoso da áraponga, que annuncia a vinda do dia porque só ella de lá de cima da copa das arveres seculares pode bem ver o Sól, que vem se desrolando das trevas, o Sól, o velho curioso que subtilmente vem a espreitar, talvez, todos os dias se a Natureza accorda nua, para fitar-lhe as formas!...

O Céu de alegre lindamente chóra, burilando, com suas stalagmites de orvalho, as arvares, a relva, as flôres, os passaros, e tudo enfim que a terra em si resume!!

* *

E depois de vivo quadro que a Natureza, a'egre, ostenta por alguns momentos, a divina fada a mais gentil acariciadora das manhães divinas mysteriosamente eleva-se para o Azul.

QUINTINO CUNHA.

(Dos *Differentes*).

O Xavier

I

Ninguem sabia vestir-se com mais apurado gosto, no Rio de Janeiro, que o Malaquias Xavier d'Aragão.

Ninguem!...

Pelo menos, elle era o primeiro a se *encadernar* nos modernos trajés do mais novo figurino e a ostental-os na Rua do Ouvidor.

Aquillo já era uma mania; mania como outra qualquer...

Demais... elle podia; tinha cinco predios magnificos e um emprego publico que lhe forneciam largamente o *material* preciso para a compra de quantos *melões* quizesse.

Possuia dinheiro, gostava do luxo, luxava e fazia muito bem!

Rapaz sympathico, viajado e instruido, o Xavier, sabia entretêr uma reunião de amigos com a sua palestra espirituosa e alegre.

Por isso mesmo é que elle era procurado e que-

rido na roda dos bohemios *habitués* do *Cailleau* e *El-Dorado*. Suas pilherias eram um magnifico antidoto contra os *bacillus* da negra hypocondria.

Tornava as horas aladas; e aquelles que ouviam n'o atiravam á um canto, para que gosassem momentaneamente a doce paz do esquecimento, a pesada bagagem dos seus respectivos desgostos.

E, quando retiravam-se, iam desopilados e cheios de saudades de tão agradaveis momentos.

Em compensação o Xavier era um homem caipora e desastradissimo.

Ora ouçam lá.

* *

Grassava na côrte, em 1891 com caracter verdadeiramente epidemico, a coqueluche. Rára era a casa onde a terrivel tósse não atacasse duas ou tres creanças. A familia do Xavier não fôra poupada e suas sobrinhas *Nênê* e *Maricóta* cahiram prostradas pela afflictiva molestia.

A conselho dos medicos, deviam mudar-se de S. Christovam para o pittoresco e aprazivel bairro das Larangeiras, e, para esse fim, alugaram um pequeno *chalet* ali recentemente edificado.

No dia da mudança—um domingo—o Xavier, *affectado* n'um terno chic de *croisêe* de casimira clara, botinas amarellas e cartola cinzenta, tomou o *bonds* na Rua Figueira de Mello com destino á cidade.

Como devia esperar nas Larangeiras as *andorinhas* que condusiam a mobilia, sahio cedo de casa e sem almoçar.

Dona Estephania, sua irmã acondicionando em um pequeno embrulho a tainha recheada que ficára da vespera, tendo o prévio cuidado de envolver-a em farinha, afim de que a gordura não se communicasse ao papel, entregou-a ao irmão dizendo que, como lá não havia hotéis onde elle podesse almoçar, devia levar aquelle peixe que estava magnifico.

O Xavier a principio recusou, mas vendo o embrulho, tão cuidadosamente feito, para não magoar a irmã, acceitou.

Desembarcando no largo S. Francisco de Paula, dirigio-se immediatamente para a Rua Gonçalves Dias. O bond ainda não havia chegado e o Xavier resoven esperal-o no *Café do Rio*, saboreando um cognac.

Quando sahio, o bond partia.

Correu esbaforido alguns minutos após o vehiculo, cujo conductor parecia surdo aos seus repetidos e desesperados *psios*!

Logo que conseguiu agarral-o, saltou estabandamente arrojando-se sobre um assento que á feição, encontrou e, n'esta *affobação*, o pobre embrulho, que andava a trancos e barrancos, rompeu-se... e... Oh! horror de Shakspeare! o peixe no meio de uma torrente branca de farinha, projectou-se a fio cumprido no regaço de seda de uma gorda senhora!

Uma estrepitosa gargalhada retumbou... e... quando o Xavier, saltando do bond, deu accordo de si, achou-se não soube como no salão de um barbeiro que attentiosamente lhe escovava o facto!

—E' isto, disia-me elle tres dias depois, quando carregou embrulhos, vou sempre de *embrulho*!

II

Havia cinco mezes desde S. João de 1892, que o Xavier estava casado com D. Senhorinha, filha do commendador Góes de Catumby.

Fiquei abysmado, quando ao voltar de S. Gonçalo, Estado de Minas, o Magalhães leiloeiro, disse-me que o Xavier estava casado.

Elle que tanto fallava do matrimonio!

O que é facto, é que déra um excellente marido, e, em Botafogo todo o mundo murmurava quando elle passava de braço com a esposa:

—Eis ali um casal, verdadeiramente feliz.

Uma tarde, dirigiram-se ao largo do Machado afim de tomar o bond electrico.

Iam visitar o velho Góes que festejava n'esse dia seu anniversario natalicio.

—Só ha dois logares, patrão, um no segundo e outro no quarto banco, disse o conductor fóra de costume, amavel.

O Xavier fez subir D. Senhorinha no banco da frente e accommodu-se no ultimo.

O electrico poz-se em movimento, chiando com a carretilha da alavanca, nos conductores electricos que pelo attrito despediam chispas azuladas, enquanto a campainha tilintava ao voltar a esquina da Rua Dous de Dezembro.

Entrou na praia do Flamengo.

O Xavier distraído lançava a vista indifferente pela divina paysagem, que nos offerece a tarde, a risonha bahia de Guanabára.

Um vapor tenuissimo e azulado envolvia a cidade de Nictheroy e espreguiçava-se negligente-mente pelas flaldas das montanhas.

O vulto melancolico do *Pão d'assucar*, como uma eterna sentinella postada á entrada da barra, ostentava no cume pontegudo, um véo alvissimo de bruma.

Sahia vagarosamente, barra a fóra, um navio com as velas brancas enfunadas, parecendoas sim um castello phantastico a fluctuar no azul.

Bandos de gaivotas, passavam alinhadas em fila, demandando o pouso costumado, n'algun rochedo solitario onde a vaga em queixumes va morrer.

*
*
*

Tlim... tlim... tlim...

Um passageiro saltou e uma senhora veio tomar o logar vago.

Era uma moça elegantissima.

Vestia um simples jaquetão de casimira azul sobre a saia de seda preta lavrada, peito de camisa bordado, collarinho de pontas quebradas e uma gravatinha negra de laço.

O seu chapeusinho de palha á *bilontra*, não tinha outro adorno alem da fita azul que o circundava.

A nova passageira reconhecendo D. Senhorinha cumprimentou-a beijando.

O Xavier ao estalido do beijo voltou-se brusca-mente e suppondo ver um rapaz a beijar a sua esposa, não se pôde conter e... sem mais tir-te nem guar-te, zaz!... tome guarda-sol! e pespegou-lhe tres pancadas na cabeça.

Foi um escandalo!...

Os passageiros julgando o Xavier um doido queriam leval-o por força á policia.

—Veja você que caiporismo, disia-me elle outro dia, por causa d'esta maldita myopia e dos bonds, tenho feito os maiores fiascos que se pode imaginar.

O Xavier comprou um *phaeton* e nunca mais andou de bond.

M. F.

Quadras

*Ha no humano sentimento
Não sei que funda ironia!
As vezes, chora a alegria
Ri-se, as vezes, o tormento.*

*Da vida a funebre taça,
Seja odio ou seja amor,
Guarda, no fundo, o amargor
Da nossa immensa desgraça.*

95.

ALVARO MARTINS.

Musa sambista

(AO ANNIBAL THEOPHILO)

I

*Que diabo é isto Musa?
— Trocaste n'este momento
Os teus arcs de reclusa
Por um tal contentamento,*

*Que fiquei desconfiado
Ao te vêr alegre assim,
— De rosto liso, corado,
De casaco carmesim,*

*De meias da côr do céu
E saia da côr do lyri.,
— Um pedacito de empyrio
Coberto de fino véo...*

II

*No negro cabello ondeado
Alveja um cravo nitente
Como o luar prateado
Que o céu despeja na gente...*

*Vê, teu cabelo, não tisue
Desta flôr a branquidão,
Que bem me parece um cysne
Sobre um monte de carvão!*

*Pois como a lua formosa
E' branca esta branca flôr,
E o teu cabelo é da côr
Da noite tempestuosa...*

III

*Vás ao samba?! Que doidice!
—Vae p'ra cama socegar
E dize-me: quem foi que disse
Que tu sabias dansar?*

*Para um samba é necessario
Saber cantar á viola,
E cantar como um canario,
Além de dar castanhóla;*

*Porém tu que nem ao menos
Sabes beber sinh'anninha,,
Só mostras qu'és bonitinha
Como o devia ser Venus!*

IV

*Portanto, óli Musa adorada,
Não deves ao samba ir...
Fá vem perto a mádrugada...
Vae p'ra teu leito dormir...*

1895—Agosto.

F. WEYNE.

LIVROS E FOLHETOS

Finalidade do mundo

DR. R. FARIAS BRITO

Fortaleza—1895

A nossa tardança em agradecermos ao auctor a offerta de um exemplar da obra citada, justifica-se pelo receio de occuparmos-nos de assumpto em que somos inteiramente profanos. Mas vence este natural acanhamento um dever de cortezia, que, aliás, leva-nos a gastar palavras além do pragmatico agradecimento.

O livro do Dr. Farias Brito é o 1.º volume de um profundo trabalho philosophico, de que são complemento mais dous volumes a publicarem-se brevemente.

Divide-se toda a obra: « a philosophia como actividade permanente do espirito humano. », « Os dous grandes methodos da philosophia moderna »; « Theoria da Finalidade ».

Trata-se, portanto, agora da philosophia como actividade permanente do espirito humano. »

Para justificar as suas theorias, resultado de uma meditação profunda sobre o que tem-se dito acerca de philosophia, e ainda a criação de um espirito reflectido e fecundo; disserta o auctor sobre os seguintes pontos: a moral e a philosophia; a philosophia e seu objecto; metaphysica e positivismo; philosophia e sciencia; metaphysica naturalista; philosophia e poesia; idealismo; philosophia e religião; religião e theologia; critica de Kant; idem, idem: materialismo; idem, idem: idealismo; idem, idem: escola associacionista; idem, idem, intuição mechanica ou monismo naturalistico; critica geral; religião naturalista.

Apesar da transcendencia do assumpto, o auctor da « Finalidade » leva vantagem sobre qualquer outro, por ter caprichosamente escripto em estylo muito accessivel, o que é raro em publicações congeneres.

Descer a minudencias, acompanhar o auctor em todos os detalhes de sua logica de convencido, seria escrever um novo compendio, para o que fallecem-nos os respectivos requisitos.

Fallaremos de philosophia como um *dilettante* vulgar externa opinião sobre a ultima opéra que ouviu.

Diremos simplesmente que o Dr. F. Brito fez do rabiscador d'estas linhas um adepto sincero de suas idéas, quanto á philosophia naturalista, visto que, sob outro qualquer ponto de vistas a sciencia philosophica tem marchado sempre n'um verdadeiro circulo vicioso.

Deus é o eterno indefinido para que convergem as locubrações da humanidade; isto é, a força occulta que preside á inalterabilidade da natureza é a eterna sphenge para a consciencia humana.

O espirito inculto do troglodita idealisa-o um dragão de fogo, a vomitar os relampagos; a civilização tem-n'o sob diversos aspectos, sempre como um idéal philosophico, idéal, pura abstracção.

A aspiração por esse idéal origina a religião—submissão ao indefinido—, que, no estreito alcance do homem primitivo, ensinou-o a adorar um ente superior; e que ainda hoje regenera os povos, dando a resultante moral social.

A moral é, quasi sempre, nascida, entre o ignorante, do temor de Dens; e entre os espiritos cultos, de um certo grau de conhecimentos que ensina o homem a ser igual a seu semelhante.

Mas o illustrado Dr. F. Brito não só occupa-se d'esta face da philosophia, como encherça na natureza um Deus material; isto é, cogita da religião naturalista, que tem unicamente por seu Deus a Luz conforme deprehendemos.

Deus é a luz! são as ultimas palavras de seu livro. E effectivamente, por mais convicto que seja um catholico, ou outra especie de deista; por mais que a sua abstracção concretise o ente abstracto, se é admissivel o paradoxo; incorrerá n'uma intima contradicção toda a vez que descer a analysar os efeitos supremos da luz.

Só a luz existe, portanto, só a luz pode ser Deus! E abstrahida alguma reflexão scientifica, de parte qualquer auxilio retumbante ou rhetorico: o phenomeno mais comeseinho da vida animal; como o conjuncto de actividade que cauza todos os phenomenos, são resultados da luz; isto está ao alcance da intelligencia mais obscura.

Os védas ensinão que *Dyans*, é céu, luz, calor; *Theos*, no grego tem a mesma origem; nas linguas neo-latinas, a palavra Deus tem ainda a mesma origem; *Tius* dos Godos, significa luz; o *Tio* do anglo-saxonio não significa outra cousa; o *Dievas*, dos idiomas thuanios-slavos ainda quer dizer luz; bem assim o *Tivar* dos scandinavos.

E' um facto que as primitivas religiões tiveram um unico ponto de partida a heliolatria.

Um ponto, entretanto, existe em que divergimos do philosopho cearense; desperte, embora esta nossa divergenca a risota do leitor, devemos ex-

ternar as nossas impressões, sejam embora e feitos, talvez, de má interpretação.

Afirmão os grandes astrónomos e com elles o Dr. F. Brito que o Sol tende a refriar-se. E sustentando esta opinião, diz o auctor da «Finalidade», em antagonismo ao que escreveu a respeito o erudito senador Catunda: «... Assim por um lado o clima se desenvolve no sentido da extincção do calor, mas por outro lado a humanidade também se desenvolve no sentido de augmento da força intellectual, e do contacto d'estas duas forças bem pode succeder que resulte o equilibrio da vida;»

Ora, depois de lermos os seguintes conceitos do proprio Dr. F. Brito: «... Depois não é só por esta face que a luz é apreciavel, pois que, como é facil provar pela influencia que exerce sobre o clima, sobre a vegetação, sobre a vida, emm, a luz não é somente o que ha de mais bello: é tambem o que ha de mais activo e fecundo. E' pela luz que a planta desenvolve-se e cresce; é pela luz que o homem vive e trabalha»: depois d'estes conceitos, diziamos, achamos que o auctor incorre n'uma flagrante contradicção, dizendo, dizendo ser possivel viver-se depois que o sol se extinguir. Se o sol é que equilibra a temperatura, pelo fogo das correntes aereas e marinhas; se o sol é que produz o ar que respiramos; o oxigeno, a agua, etc.; tudo desaparecerá com a sua extincção.

E, como estamos convencidos, se Deus é a luz nada existirá sem Deus!

Emittidas estas ligeiras palavras, só temos que, pedir ao Dr. Farias Brito a publicação immediata do complemento de sua obra e felicitar o Ceará, como a litteratura nacional, pelo apparecimento de um vulto digno de ser o successor de Rocha Lima.

R C

Revistas e Jornaes

A Jandaia. — Recebemos o 1.º numero d'esta promettedora revista litteraria que acaba de apparecer n'esta cidade como orgão da classe escholastica, sob a direcção de Joaquim Fonteuille e redigida por Joaquim Carneiro, Octavio Mendes e G. Nogueira.

"A Jandaia", que tem por lemma as palavras genuinamente cearenses de Alencar: «minha terra natal etc.», é primorosamente impressa e como jornal da mocidade estudiosa, é uma especie de arca de arminho a conduzir para o futuro a tradição gloriosa da patria de Iracema.

Bemvinda seja a interessante revista — mais uma prova de que o Ceará, ou antes, o norte evolue... evolue... sempre no mundo das letras

NOTICIAS

BOLHAS DE SABÃO

Iniciamos hoje uma secção humoristica, sob o titulo supra, com o conto — *O Xavier* — do nosso talentoso consocio Marcolino Fagundes.

DR. JOSÉ LINO

Deixou a redacção do «Diario do Ceará» o primoroso jornalista, cujo nome serve de epigraphe.

A sua despedida é um protesto vibrante de um caacter sem jaça que falla contra as convenções a que, subservientemente, tem de amolgar-se a imprensa em em face de acontecimentos que não veem a pello mencionar.

E' mais um desilludido; porem uma penna que volta illesa do asinhavre que ataca sempre as pennas dos mercenarios.

PHENIX CAIXEIRAL.

Esta importante aggremação dos empregados do commercio festejaram com uma brilhante sessão litteraria o 1.º de Agosto, anniversario da installação de suas aulas.

Qualquer elogio que teçamos á briosa corporação estará a quem do que realmente merece, tal é o ardor de seus membros pelos commettimentos litterarios, e união fraternal entre si.

A «Phenix» é tambem uma honra para esta terra.

ANTONIO IVO

Este nosso prezado amigo, uma das columnas do «Centro», acaba de chegar do interior do Estado.

Veio forte, expansivo, lesto... e... até bonito...

Não fossem as tricas com a Ingla-Terra diriamos d'qui a um *shake-hands* ao Ivo.

ELISEU BECCO

Veio, tambem do sertão, em companhia do Antonio Ivo, este nosso con-socio, honra da classe de empregados do commercio, e modesto, mas devotado, amante das letras.

Bemvindo.

«VISÃO MYSTICA»

E' este o titulo de um livro de versos que brevemente publicará o conhecido poeta Alves Lima.

O tirocinio do auctor em litteratura dispensa reclames.

Aguarde-se o publico legente para apreciar os bellos versos do «Visão mystica», que, imaginamos, são um punhado de pedras finas scintillando á luz do sol.

Uma nota indispensavel: o livro é do «Centro».

DR. CHAVES FILHO

Este illustre litterato e jurista acaba de ser eleito Governador do Rio Grande do Norte.

Mil Parabens á patria de Camarão.

ACADEMIA CEARENSE

Reune-se hoje em sessão magna para commemorar o 1.º anniversario de sua fundação esta importante associação litteraria.

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 46.

Gracias do Ferreira "Secretaria da Junta"
Adolpho Falcão